

A ATUAÇÃO DO ECONOMISTA EM OCUPAÇÕES TÍPICAS E A COMPETIÇÃO COM OUTRAS ÁREAS

THE ROLE OF THE ECONOMIST IN TYPICAL OCCUPATIONS AND COMPETITION WITH OTHER AREAS

Sandro Eduardo Monsueto

 <http://lattes.cnpq.br/5484881117429853>

 <https://orcid.org/0000-0002-2155-012X>

Possui graduação em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Viçosa (2002), mestrado em Economia pela Universidade Federal de Minas Gerais (CEDEPLAR - 2003) e Doutorado em Economia pela Universidad Autónoma de Madrid (2008).

Felipe Pureza Cardoso

 <http://lattes.cnpq.br/0629573642834146>

Mestrando em Economia pelo PPGECON/FACE/UFG - Programa de Pós Graduação em Economia

Gabriela de Moura Silva Melo

Graduada em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Goiás

RESUMO

O presente artigo analisa a inserção de formados em economia no mercado de trabalho brasileiro, considerando a concorrência de outros profissionais nas ocupações nas quais se espera a atuação de economistas. Com base nos dados do Censo de 2010, são estimados modelos de probabilidade de inserção em ocupações típicas da área de economia. Os resultados mostram baixa inserção de economistas nas ocupações típicas (cerca de 18%) e que as formações na área de administração são as principais concorrentes. Esta concorrência é acirrada pelo aumento da idade, mostrando que os primeiros *matches* ocupacionais são importantes para a entrada em ocupações relacionadas com o curso superior realizado. Também chamam a atenção resultados relacionados com a inserção feminina neste mercado.

Palavras-chave: Economista, Ocupação típica, mercado de trabalho.

ABSTRACT

This article analyzes the insertion of graduates in economics in the Brazilian labor market, considering the competition from other professionals in the occupations where their work is expected. Based on data from the 2010 Census, models of probability of insertion in typical occupations in the economy area are estimated. The results show a low insertion of economists in the typical occupations (about 18%) and that the graduates in administration area are the main competitors. This competition is heightened by the increase in age, showing that the first occupational matches are important. Results related to the female insertion in this market are also noteworthy.

Key words: Economist, Related occupation, labor market.

1. Introdução

Este artigo tem por objetivo analisar a inserção de formados em economia no mercado de trabalho brasileiro, especificamente, investigando a concorrência com profissionais de outras

áreas nas ocupações consideradas típicas da área. Apesar do aumento da quantidade de cursos e profissionais formados no Brasil ao longo da última década, pouco se sabe sobre a forma de inserção do economista no mercado de trabalho, se está atuando em atividades típicas de sua formação ou disperso em atividades atípicas. Também faltam estudos sobre o nível de competição desse profissional com outras formações superiores, como administradores e contadores. Dessa forma, o presente artigo pode contribuir para o preenchimento dessa lacuna, estimando modelos para a probabilidade de que um egresso de economia ou ciências econômicas esteja trabalhando em sua área de formação, considerando a concorrência de outros profissionais.

Em termos gerais, espera-se que o economista possua capacidade de intervenção no processo socioeconômico através de um conjunto de conhecimentos políticos, sociais e econômicos dadas suas habilidades adquiridas, como o poder analítico e a visão crítica. De acordo com Lourenço (2006), o profissional deve realizar estudos e planejamentos minuciosos, além de contribuir para a diminuição dos riscos, apontando para as pessoas, empresas e instituições em geral os melhores caminhos para o alcance do sucesso em seus empreendimentos, considerando a melhor alocação dos recursos escassos. A realização dessas expectativas deve ser mais efetiva nas ocupações e atividades corretas, relacionadas com o curso superior, de graduação ou pós-graduação, no qual o indivíduo investiu parte de seu tempo e esforço.

Com base na literatura prévia, é testada a hipótese de que os principais concorrentes no mercado de trabalho são os egressos de cursos da mesma grande área, de ciências humanas aplicadas. Ainda segundo Lourenço (2006), o perfil esperado do egresso em economia permite que as ocupações comuns à profissão sejam disputadas, também, entre profissionais com conhecimentos em administração, contabilidade, legislação, finanças, matemática financeira e afins. Outra pesquisa encontrada para o Brasil (MACEDO, 2015), analisa a aderência de profissões em atividades correlatas à área. No caso dos economistas, o autor conclui que há grande dispersão na atuação dos graduados, sendo que cerca de 70% deles se distribuem por 30 ocupações. Analisar estas questões pode fornecer subsídios para o desenho de políticas acadêmicas das instituições de ensino, como mudanças nos projetos pedagógicos ou nos programas de estágios, treinamentos e cursos de extensão. Também pode contribuir para a melhor fiscalização dos conselhos e sindicatos de classe sobre a correta atuação do economista e a entrada de outras formações.

O restante do artigo possui mais quatro seções. São apresentadas uma breve revisão da literatura empírica sobre a inserção do economista no mercado de trabalho, a metodologia

empregada na análise, os resultados e as discussões. Nas considerações finais tecem-se alguns comentários gerais sobre os achados.

2. Revisão da literatura empírica

Na literatura internacional e nacional são encontrados estudos que relacionam a área de formação com as funções típicas de diversas profissões ou áreas de ensino superior. Para o caso dos formados em economia ou ciências econômicas, parece haver um consenso de uma elevada dispersão ocupacional, fazendo com que o profissional seja observado atuando em alta variedade de trabalhos. Por outro lado, não existe a mesma concordância com relação à entrada de outras formações nas ocupações esperadas.

Dolton e Makepeace (1990), por exemplo, constroem um índice que explora a variação entre formação e ocupação, sendo que quanto maior o índice mais amplo é o campo de atuação da profissão e, quanto menor, mais restritas são as funções escolhidas pelos graduados e mais previsíveis são as ocupações nessa área. Comparando o resultado de 14 áreas do conhecimento, Economia e Contabilidade possuem o quarto menor índice, mostrando que, apesar de egressos em economia nem sempre atuarem em ocupações típicas, os campos de atuação dos formados na área são muito restritos, ou seja, mais especializados em relação a outros. Segundo Ehrenberg (2004), vagas de emprego na carreira acadêmica têm diminuído nos últimos anos devido à crise financeira do início do século XXI, o que deve reduzir as oportunidades de atuação na área. Além disso, essa crise provocou uma queda nos rendimentos de docentes em universidades públicas, que não têm conseguido competir com as melhores universidades em economia do mundo.

Robst, Vangilder e Steinke (2012) comparam a compatibilidade entre área de estudo e trabalho para os egressos de Economia e Administração nos Estados Unidos através de dados da *National Survey of College Graduates*. Os autores concluem que os economistas têm maior probabilidade de trabalhar em áreas não relacionadas com sua formação, visto que a trajetória acadêmica desta carreira apresenta conhecimentos e habilidades que podem ser adequadas para um leque maior de ocupações. De acordo com o estudo, cerca de 61% dos economistas reportam que atuam em outras áreas por motivos de orientação de carreira, enquanto 28% declara razões de preferências por estilo de vida e apenas 11% dizem não ter conseguido encontrar trabalho na área de formação.

Utilizando a mesma base de dados, Ransom e Phipps (2017) analisam a distribuição ocupacional de indivíduos por meio de índices de dissimilaridade (que mensura o grau de distinção entre funções e formação) e de variedade (que indica o quão dispersos estão os indivíduos no mercado de trabalho). Entre os 26 cursos de graduação observados, a formação

de economista está entre as cinco mais variadas profissões em 1993 e 2003. Em 2003, período em que se observou maior variedade, graduados em economia estão distribuídos em diversas categorias ocupacionais, atuando até mesmo como juízes e advogados. Contudo, a concentração profissional está nos campos relacionados a negócios, principalmente de comércio e gestão, representando mais de 50% de todas as posições ocupadas por economistas. Já em relação ao índice de dissimilaridade, esta formação apresenta pouca distinção em relação a outras graduações, demonstrando que as funções de economistas não são tão especializadas e podem ser preenchidas por outros profissionais.

No Brasil, Matos (2001) traça um perfil geral dos economistas segundo dados do Conselho Federal de Economia. O autor destaca que as principais atividades praticadas pelos profissionais são das áreas de planejamento ou gestão contábil e financeira, planejamento ou gestão empresarial ou organizacional, comercialização ou marketing e análise de investimento e de aplicação financeira. Lourenço (2006) mostra, com base nos dados do Conselho Regional de Economia de São Paulo entre 2005 e 2006, que 40,6% dos profissionais de economia ocupados trabalham em sua área de formação. O autor considera o mercado de trabalho do profissional bem diversificado no Brasil, com a presença de formados nas áreas de planejamento e gestão, elaboração de projetos, ensino e pesquisas de mercado. Usando outra base de dados, os Censos Demográficos de 2000 e 2010, Menezes-Filho (2012) encontra uma taxa significativamente menor, com cerca de 8% atuando em sua área de formação em 2000 contra um pequeno acréscimo para 10% em 2010. O autor também conclui que existe uma diminuição na participação do profissional de economia entre o total de formados e aumentos significativos em seus salários.

Utilizando os dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) no período de 2000 a 2009, Ribeiro Filho (2011) observa um aumento de postos de trabalho na área de economia, passando dos 11 mil em 2000 para 26 mil postos em 2009, principalmente nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Quanto à participação setorial, o estudo revela uma concentração nos setores de serviços e industriais e, com relação à remuneração, conclui que homens recebem cerca de 19% mais que mulheres nas ocupações típicas de economistas. Através dos dados do Censo Demográfico de 2010, Macedo (2015) estuda a inserção dos economistas no mercado de trabalho brasileiro e observa uma dispersão em várias atividades, que os leva a participar de disputas por ocupações com graduados em Administração e Contabilidade, devido à grande flexibilidade ocupacional.

Também utilizando os dados do Censo de 2010, Antonio (2016) analisa a relação entre área de formação superior e atuação no mercado de trabalho na região metropolitana de Curitiba

para diversas profissões. No estudo, os formados em economia correspondem à sétima maior participação entre os profissionais ocupados com ensino superior. Em contrapartida, este grupo de egressos possui 57,8% de compatibilidade entre estudo e atuação. De acordo com o autor, este fato pode indicar que os economistas não estão sendo absorvidos pelo mercado de trabalho por falta de condições ou necessidades de contratação do profissional pelos empregadores ou, por outro lado, pela falta de motivação dos profissionais em buscarem atuação direta em áreas afins de sua orientação acadêmica.

Para Goiás, o estudo de Silva (2016) mostra, com o Censo de 2010, que estes indivíduos são, majoritariamente, do gênero masculino, de cor branca ou amarela, moram na região metropolitana, são empregados em regime de contratação formal e atuam, principalmente, em atividades financeiras, na administração pública e em cargos ligados ao comércio. Além disso, a pesquisa mostra um incremento na remuneração quando estão em ocupações típicas de sua área. O trabalho observa ainda uma participação de 3,98% de administradores, 2,84% de contadores e 2,56% de engenheiros presentes nas funções naturalmente de economistas na região. Por outro lado, os resultados também apontam que 3,4% dos formados em economia ocupam vagas de analistas de gestão e administração – que é considerada uma ocupação correlata à formação de administradores – e 2,52% preenchem vagas próprias de contadores. Assim como Macedo (2015), Silva (2016) conclui que economistas concorrem por vagas com estes dois cursos e, ocasionalmente, estão em postos de seus cargos afins.

Como apontado, as análises prévias, especialmente para o caso brasileiro, mostram uma tendência de dispersão dos profissionais de economia ao longo das ocupações, o que pode evidenciar um esvaziamento das atividades típicas. Este fenômeno pode estar relacionado com a concorrência oferecida por outras áreas do conhecimento, principalmente aquelas relacionadas às ciências sociais aplicadas. Contudo, a literatura pouco explora ou testa empiricamente essa hipótese para o Brasil, onde o presente trabalho pretende contribuir.

3. Metodologia

A base de dados utilizada é oriunda dos microdados do Censo Demográfico de 2010, coletado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). São usadas informações do denominado Questionário da Amostra, aplicado em aproximadamente 25% dos domicílios e que contém, além das características básicas, questões adicionais sobre informações demográficas e econômicas dos moradores¹. Esses dados podem ser expandidos para representar toda a população por meio dos pesos populacionais, também disponibilizados no

¹ Mais detalhes podem ser obtidos nas Notas Metodológicas do Censo Demográfico, disponível em IBGE (2010).

conjunto de microdados. Para o presente estudo, são selecionadas pessoas residentes em áreas urbanas, entre 18 e 65 anos, excluindo dados de inativos, militares e não remunerados. A amostra é composta por indivíduos com formação superior (graduação, mestrado ou doutorado) nas áreas de ciências econômicas, administração, ciências contábeis e engenharias, identificados pelas variáveis $V6352$, $V6354$ e $V6356^2$ do banco de dados. No presente estudo, essas formações são tomadas como *proxies* das respectivas profissões, independente do registro em conselho de classe.

As ocupações típicas da área de economia são definidas por meio da variável que coleta dados sobre a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), adaptada para pesquisas domiciliares, tomando como base as atividades onde se espera a atuação de um economista, conforme a Consolidação da Legislação da Profissão de Economista do Conselho Federal de Economia e a Consolidação da Regulamentação da Profissão do Economista³. Essas ocupações são as de dirigente financeiro; dirigente de políticas e planejamento; gerente de sucursais de bancos de serviços financeiros e de seguros; assessores financeiros e de investimentos; analistas financeiros; e economista. Além disso, também se espera que um economista seja capaz de atuar como professor de universidade e de ensino superior. Contudo, esta é uma atividade típica comum a diversas áreas, o que poderia prejudicar a análise da competitividade entre as profissões consideradas. Desta forma, optou-se por não a considerar no conjunto de ocupações próprias da área de economia.

Para verificar a probabilidade de que um indivíduo da amostra se encontre ocupado em uma das ocupações definidas como típicas, é estimado um modelo probit, tendo como variável dependente a binária que assume valor 1 se o trabalhador está atuando em alguma ocupação de economista e 0, em caso contrário. A equação a ser estimada é dada por:

$$P(Y_i = 1) = f(\textit{profissão}; \textit{idade}; \textit{idade}^2; \textit{sexo}; \textit{cor}; \textit{pós}; \textit{segundo emprego}; \textit{setor}; \textit{contrato}; \textit{metropolitana}; \textit{região})$$

em que *profissão* é um conjunto de binárias para cada uma das quatro formações consideradas, tomando os economistas como referência; *idade* e *idade*² representam a idade e seu respectivo valor ao quadrado; *sexo* é uma *dummy* com valor 1 para homens e 0 para

² Estas variáveis representam, respectivamente, o curso superior de graduação, o curso de mestrado e o curso de doutorado realizado pelo indivíduo. O curso de ciências econômicas possui o código 314 nas três variáveis. Os demais cursos: administração – 340 e 345; ciências contábeis – 344; engenharia – 520, 521, 524, 582 e 623.

³ Decreto n. 31794, de 17 de novembro de 1952.

mulheres; *cor* é uma variável binária de valor 1 para brancos e 0 para não-brancos; *pós* é uma *dummy* que identifica se o indivíduo possui curso de pós graduação *stricto sensu*; *segundo emprego* tem valor 1 se o indivíduo trabalha em dois ou mais empregos e 0, caso contrário; *setor* é um grupo de variáveis que consideram os setores de atividade da economia (educação; industrial; comercial; setor público; financeiro; de atividades profissionais; outros setores, tendo a primeira categoria de referência); *contrato* é um conjunto de *dummies* para a relação de trabalho (formal⁴; informal; conta própria; empregador, com a primeira de referência); *metropolitana* é uma binária com valor 1 se o indivíduo mora em alguma região metropolitana e 0, caso contrário; e *região* é um conjunto de *dummies* que representam qual região do país o indivíduo mora, tendo como referência o Sudeste.

Como a amostra considera apenas os indivíduos que estão empregados, é necessário corrigir eventuais falhas nas análises causadas por viés de seleção. Este tipo de problema acontece quando a amostra de interesse não é selecionada de forma aleatória, mas determinada com base em características não observáveis dos indivíduos, como é o caso daqueles que se encontram empregados. O mercado de trabalho tende a não selecionar os indivíduos de forma aleatória, mas sim baseado em características observáveis e não observáveis, tais como redes de contato, escolaridade, experiência, sexo etc. Dessa forma, é utilizado o método proposto por Heckman (1979) ajustado para modelos de probabilidade, conforme Van de Ven e Van Praag (1981), estimando uma equação auxiliar de participação para a probabilidade de o indivíduo estar ocupado. Como variáveis explicativas, são usadas uma *dummy* para identificar a pessoa de referência no domicílio, uma binária que informa se o domicílio possui crianças de até 10 anos de idade, além da binária de sexo, como definida anteriormente⁵.

Os modelos são estimados usando o pacote estatístico Stata 11, em versões com desvios-padrão robustos e considerando os respectivos pesos populacionais do Censo. Os resultados são apresentados e discutidos na próxima seção.

4. Resultados

A amostra é composta, em sua maioria, por homens, brancos, não pós-graduados com aproximadamente 40 anos. A Tabela 1 mostra que os economistas são os mais velhos entre os trabalhadores considerados, enquanto os administradores compõem o grupo mais jovem. Pela

⁴ Definidas segundo a posse ou não da carteira de trabalho assinada ou contrato de servidor público estatutário.

⁵ É importante mencionar que este tipo de metodologia ainda apresenta limitações pela própria ausência de variáveis que captem elementos relevantes para a tomada de decisão. Variáveis como habilidades específicas, aptidões e natureza da instituição onde o curso foi realizado (e pública ou privada), por exemplo, não estão presentes na base de dados do Censo Demográfico. Apesar destas limitações, a análise procura usar variáveis já tradicionalmente usadas em estudos de inserção ocupacional no Brasil (MANTOVANI; SOUZA; GOMES, 2020).

distribuição por gênero, é possível dizer que as profissões de economistas e da área de engenharia são tipicamente masculinas, dada uma participação feminina abaixo da porcentagem observada no mercado de trabalho como um todo (SOARES; OLIVEIRA, 2004). Em 2010, as mulheres representam aproximadamente 56% da força de trabalho ocupada entre os que possuem educação superior, considerando a mesma faixa etária da amostra.

Tabela 1: Características gerais da amostra

Área de formação	Tamanho da amostra	Idade	Homens (%)	Pós-Graduação (%)	Inserção em ocupação típica de economista (%)
Economistas	12.984	43,1	64,0	10,5	18,2
Administradores	9.216	37,7	58,0	40,5	9,0
Contadores	39.528	39,7	54,4	1,7	4,2
Engenheiros	36.294	41,3	81,7	9,9	1,6
Total	98.022	40,6	67,0	10,1	5,7

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Censo Demográfico de 2010.

Os dados também mostram uma taxa de 18% de ocupação em atividades típicas da área entre os formados em economia, a maior taxa de participação da amostra, seguida dos diplomados em administração. Dentro dessas atividades, a Tabela 2 mostra uma concentração de formados em economia na ocupação de mesmo nome, seguida do trabalho como gerentes nos serviços bancários, financeiros e de seguros. Entre as demais profissões ou formações universitárias, a entrada em ocupações de economistas se dá principalmente nas funções de analistas e gerentes, ainda que entre os engenheiros também se destaque a posição voltada para o planejamento de políticas. A ocupação como economista por trabalhadores de outras profissões pode ser explicada pelo fato de a base de dados não permitir identificar se o indivíduo possui graduação em área distinta da pós-graduação ou a existência de dupla titulação. Desta forma, é possível ter, por exemplo, alguém com graduação em economia, mas identificado como administrador, por ter feito mestrado ou doutorado nesta última linha.

Tabela 2: Distribuição ocupacional dos atuantes em atividades típicas segundo formação (%)

	Economistas	Administradores	Contadores	Engenheiros	Total
Dirigentes Financeiros	6,1	10,8	13,8	11,1	9,5
Dirigentes de Políticas	0,7	2,9	1,6	23,6	3,8
Gerentes de sucursais	22,8	33,7	46,8	34,7	32,4
Assessores Financeiros	1,4	1,8	3,0	2,3	2,0
Analistas Financeiros	14,1	35,7	30,9	19,5	22,7
Economistas	55,0	15,2	3,9	8,7	29,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Censo Demográfico de 2010.

Mesmo considerando as dificuldades de identificação precisa da profissão, seria esperada uma atuação predominante de economistas nas ocupações típicas de sua área de

formação, de acordo com a legislação do conselho de classe. Contudo, os economistas se encontram dispersos em mais de 312 ocupações distintas, além das aqui consideradas como típicas. De um lado, isso mostra que o profissional também disputa vaga nas atividades típicas ou esperadas por outras formações. Por outro lado, confirma a dispersão apontada na literatura prévia.

Analisando as ocupações selecionadas como típicas dos economistas, a Tabela 3 mostra que essas atividades são constituídas por menos de 50% de formados na área correlata. Entre os economistas tipicamente ocupados, os trabalhadores são mais jovens, com uma taxa de pós-graduados mais alta (15,0%), reflexo da maior escolaridade de gerações mais recentes no mercado de trabalho. A comparação das informações sobre remuneração, dispostas nas três últimas colunas da tabela, mostra que atuar nestas atividades parece oferecer uma remuneração mais elevada para todas as formações consideradas, mas principalmente para os contadores e administradores, que tendem a receber aproximadamente 30% e 29% a mais que seus colegas de profissão que trabalham em outras ocupações. Entre os formados em economia, o prêmio por atuar em ocupações da área é de cerca de 25% a mais.

Tabela 3: Composição das ocupações típicas segundo formação, idade e remuneração média

	Composição das Ocupações Típicas (%)	Idade		Pós Graduação (%)		Rendimento-Hora (R\$)		
		Ocupações Típicas	Outras	Ocupações Típicas	Outras	Ocupações Típicas	Outras	Total
Economistas	45,9	41,4	43,6	15,0	9,5	44,4	34,5	36,3
Administradores	16,0	37,7	37,8	32,6	41,3	43,1	32,2	33,1
Contadores	27,1	39,3	39,8	2,3	1,7	28,6	21,0	21,3
Engenheiros	11,0	41,8	41,4	11,0	9,9	47,4	38,8	39,0
Total	100,0	40,3	40,7	14,0	9,9	40,3	31,1	31,6

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Censo Demográfico de 2010.

Com relação ao tipo de contrato (Tabela 4), as atividades consideradas de atuação típica de um economista possuem uma taxa de formalidade (com carteira de trabalho ou contrato de servidor público) mais elevada para todas as formações, mas levemente inferior entre os formados na área relacionada. Juntamente com os dados sobre maior remuneração, a maior estabilidade fornecida pela formalidade do emprego pode ser um fator que leva a que outras profissões disputem vagas nas atividades de economia.

Tabela 4: Distribuição da amostra segundo relação de trabalho e tipo de ocupação (%)

	Ocupações Típicas				Outras Ocupações			
	Formal	Informal	Conta-Própria	Empregador	Formal	Informal	Conta-Própria	Empregador
Economistas	82,9	3,3	11,2	2,6	65,3	6,3	18,2	10,2
Administradores	88,6	2,4	6,6	2,5	72,4	5,3	14,2	8,1
Contadores	88,7	2,7	4,8	3,8	68,7	5,8	17,8	7,7
Engenheiros	83,7	2,6	8,9	4,8	68,8	5,0	17,2	9,0
Total	85,5	2,9	8,5	3,1	68,7	5,5	17,3	8,6

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Censo Demográfico de 2010.

Trabalhar em uma ocupação da mesma área de formação, como mostram os resultados, não é apenas uma questão de realização pessoal ou um melhor aproveitamento do treinamento recebido durante a fase acadêmica. Contudo, apenas 18% dos egressos têm conseguido se inserir nestas atividades, o que revela a necessidade de mais estudos sobre o perfil dos formados na área no Brasil. Além disso, a análise descritiva revela apenas a distribuição bruta da amostra, sem o controle de outros atributos. Para melhor entender os determinantes da entrada em ocupações da área e o papel da concorrência das demais profissões, são estimados modelos para a probabilidade de inserção nestas ocupações. Como explicitado na metodologia, os modelos estimados são corrigidos para a possibilidade de viés de seleção por meio da adaptação do método de Heckman. Os resultados dos modelos de primeira etapa da seleção estão disponíveis no apêndice do artigo.

Os resultados dos modelos principais são exibidos na Tabela 5, divididos em cinco colunas, sendo a primeira delas com os coeficientes da equação completa, enquanto as demais apresentam resultados segmentados para cada formação superior considerada na análise, todas para a probabilidade de um indivíduo atuar em uma ocupação tipicamente de economista. São apresentados na forma de efeitos marginais, que captam o impacto de cada variável sobre a probabilidade do evento em análise. Para o caso das variáveis binária, representa a diferença da probabilidade entre os grupos comparados. Os resultados são obtidos considerando a média da distribuição das variáveis explicativas (GREENE, 2012).

Os resultados do modelo geral confirmam que as demais formações possuem probabilidade menor de atuar em ocupações tipicamente de economistas, dados os coeficientes negativos e significativos das binárias de profissão. De modo geral, quanto maior, em módulo, os efeitos marginais, maior a diferença na probabilidade de inserção nas ocupações de economistas em relação aos que têm curso superior nesta área específica. Isso quer dizer que,

dados o efeito mais próximo a zero, os administradores, controlando por demais fatores, parecem ser os principais concorrentes pelas vagas típicas, seguidos pelos contadores. Isso é provavelmente fruto da maior conexão destas áreas, que geralmente compartilham tanto disciplinas como corpo docente nas universidades. Este tipo de resultado reforça a conclusão de Macedo (2015) sobre o nível de disputa entre esses cursos, além da recomendação de que os cursos de ciências econômicas também ofereçam formações mais densas direcionadas às áreas correlatas.

Tabela 5: Probabilidade de atuação em ocupações típicas de economista – efeitos marginais

	(1) Total	(2) Economista	(3) Administrador	(4) Contador	(5) Engenheiro
Administrador	-0,031* (0,00)				
Contador	-0,060* (0,00)				
Engenheiro	-0,090* (0,00)				
Idade	0,001 (0,00)	-0,011* (0,00)	0,002 (0,00)	0,004* (0,00)	0,001** (0,00)
Idade ²	-0,000 (0,00)	0,000* (0,00)	-0,000 (0,00)	-0,000* (0,00)	-0,000*** (0,00)
Sexo	-0,006* (0,00)	0,024* (0,01)	-0,028* (0,01)	-0,001 (0,00)	-0,008** (0,00)
Cor	0,007* (0,00)	0,018*** (0,01)	0,029* (0,01)	0,002 (0,00)	0,006* (0,00)
Pós-graduação	0,005*** (0,00)	0,066* (0,01)	-0,023* (0,01)	0,015 (0,01)	0,002 (0,00)
Segundo Emprego	-0,006** (0,00)	-0,016 (0,01)	0,006 (0,01)	-0,011** (0,00)	-0,002 (0,00)
Setor industrial	0,058* (0,01)	0,184* (0,03)	0,109* (0,03)	0,032* (0,01)	0,023* (0,01)
Setor de comércio	0,032* (0,01)	0,023 (0,03)	0,118* (0,03)	0,013 (0,01)	0,012 (0,01)
Setor público	0,029* (0,01)	0,141* (0,03)	0,066* (0,02)	-0,008 (0,01)	0,015 (0,01)
Setor financeiro	0,286* (0,02)	0,424* (0,03)	0,413* (0,04)	0,217* (0,02)	0,314* (0,05)
Ativ. Profissionais	0,054* (0,01)	0,421* (0,04)	0,161* (0,03)	-0,006 (0,01)	0,008 (0,01)
Outros Setores	0,048* (0,01)	0,167* (0,02)	0,081* (0,02)	0,034* (0,01)	0,014** (0,01)
Informal	-0,020* (0,00)	-0,066* (0,01)	-0,048* (0,01)	-0,015* (0,00)	-0,003 (0,00)
Conta Própria	-0,026* (0,00)	-0,065* (0,01)	-0,047* (0,01)	-0,025* (0,00)	-0,008* (0,00)
Empregador	-0,031* (0,00)	-0,118* (0,01)	-0,064* (0,01)	-0,015* (0,00)	-0,008* (0,00)
R. Metropolitana	0,019* (0,00)	0,067* (0,01)	0,023* (0,01)	0,014* (0,00)	0,005* (0,00)
Norte	-0,009* (0,00)	-0,002 (0,02)	0,007 (0,02)	-0,012* (0,00)	-0,007** (0,00)
Nordeste	-0,016* (0,00)	-0,034* (0,01)	-0,023** (0,01)	-0,014* (0,00)	-0,007* (0,00)
Sul	-0,014* (0,00)	-0,068* (0,01)	-0,033* (0,01)	-0,003 (0,00)	-0,003*** (0,00)
Centro-Oeste	-0,005*** (0,00)	-0,012 (0,01)	-0,013 (0,02)	-0,001 (0,00)	-0,001 (0,00)
Número de obs.	98.022	12.984	9.216	39.528	36.294
X ²	3196,56	1126,79	534,06	530,15	458,15
Prob> X ²	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00

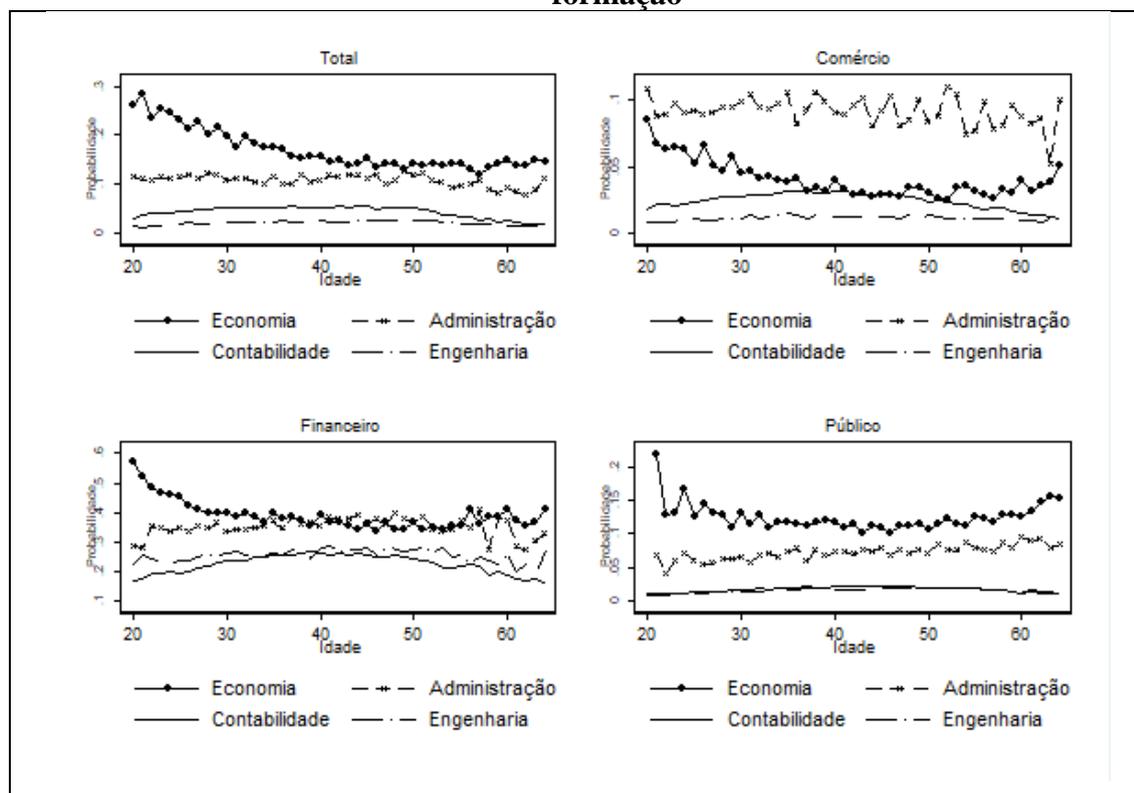
Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Censo Demográfico de 2010. Erros-padrão entre parênteses.

Efeitos marginais obtidos para a média da distribuição das variáveis explicativas. *** p<0.10, ** p<0.05, * p<0.01.

Os coeficientes de idade apresentam significância estatística apenas nos modelos segmentados por modalidade de formação, com sinais contrários entre economistas e os demais.

Isso evidencia que as ocupações típicas possuem preferência por economistas mais jovens, enquanto entre contadores e engenheiros é a experiência que joga papel mais importante nesta concorrência. Os painéis do Gráfico 1 usam os modelos segmentados para estimar a probabilidade média de ocupação típica na medida em que se avança a idade dos trabalhadores, o que permite comparar o efeito da experiência entre as quatro profissões analisadas. A preferência por economistas mais jovens dura até aproximadamente os 45 anos, quando não parece haver mais diferença entre estes e os administradores, ainda que a vantagem em relação às demais áreas seja mantida ao longo de todo o gráfico.

Gráfico 1: Probabilidade média de atuação em ocupações típicas segundo a idade e formação

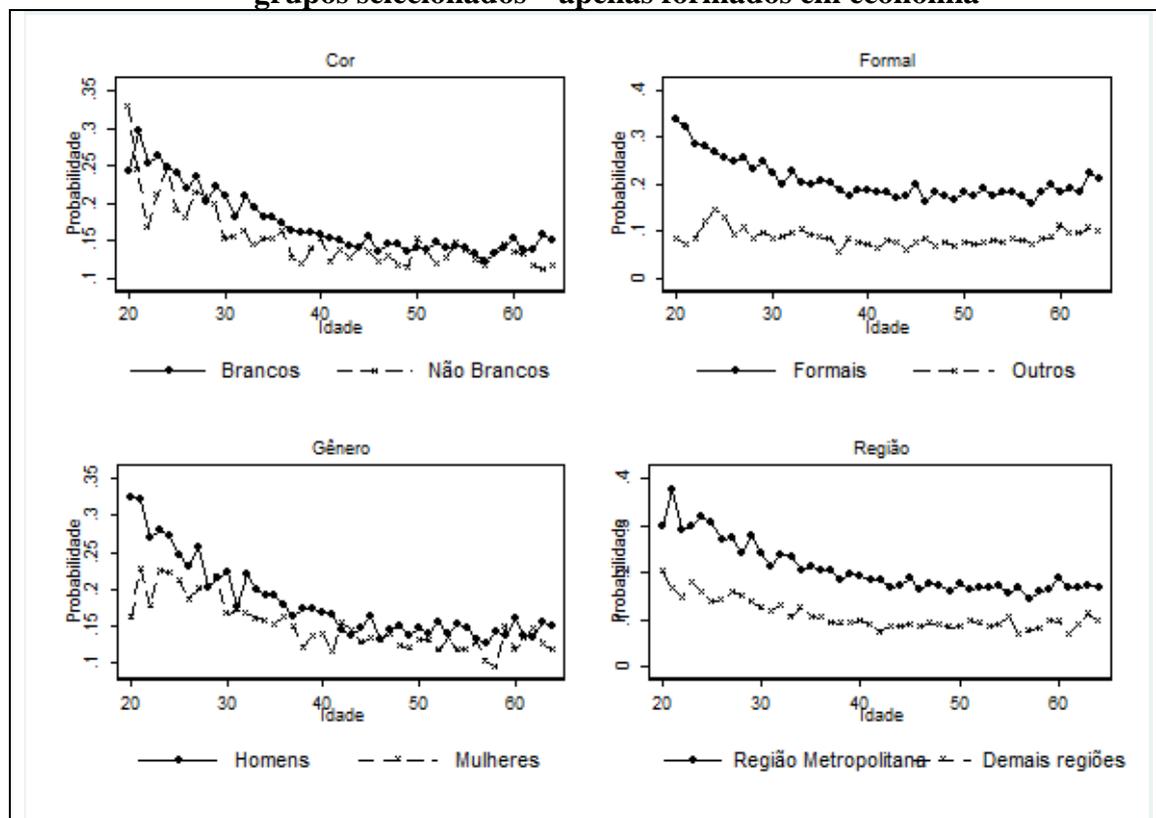


Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Censo Demográfico de 2010.

Nas atividades de comércio e financeiras, a vantagem dos economistas mais jovens desaparece de forma mais rápida, mostrando maior concorrência com profissionais de administração desde cedo, provavelmente já nos primeiros anos depois de formados. Os resultados para a idade podem ainda ser combinados com outras variáveis ou grupos específicos, como nos painéis do Gráfico 2, que utilizam apenas o modelo com a amostra de formados em economia. Para todos os grupos selecionados, a chance de atuar na área de formação se reduz na medida em que a idade aumenta, ainda que se observe uma ligeira reversão entre os economistas com mais idade, efeito provável da experiência acumulada. A idade parece exercer maior influência entre os trabalhadores brancos e aqueles em empregos

com carteira de trabalho assinada, além dos residentes em regiões metropolitanas.

Gráfico 2: Probabilidade média de atuação em ocupações típicas segundo a idade para grupos selecionados – apenas formados em economia



Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Censo Demográfico de 2010.

Em todos os casos, fica evidente que a forma de entrada no mercado de trabalho quando ainda jovem é fundamental para a trajetória ocupacional. Ou seja, aqueles que desejam atuar em atividades mais relacionadas com sua área de formação devem ter especial atenção para a qualidade dos primeiros *matches*. A literatura mostra que existe uma importante relação de dependência entre o primeiro emprego logo depois de formado e qualidade da trajetória ocupacional. Brunner e Kuhn (2014), por exemplo, encontram impactos negativos de uma entrada desfavorável no mercado de trabalho sobre o salário de curto e de longo prazo entre austríacos. Liu, Salvanes e Sorensen (2016) evidenciam uma relação entre a qualidade do *match* do primeiro emprego e os efeitos dos ciclos econômicos sobre a condição do mercado de trabalho de recém-graduados na Noruega. Carrijo, Monsueto e Cardoso (2019) mostram como o tipo de entrada dos jovens no mercado de trabalho pode definir o futuro de sua trajetória.

Em termos práticos, isso parece evidenciar a necessidade de incentivar desde cedo a inserção em atividades correlatas com a área de formação, entre os recém-graduados. Atividades extracurriculares como os estágios, desde que em áreas corretas e com a devida orientação profissional, podem ajudar neste sentido. A pesquisa de Kondo (2007), por exemplo,

mostra que existe uma relação direta entre o emprego depois de formado e a qualidade da inserção ocupacional ainda durante o curso de graduação de japoneses, indicando que um mau início de atividade pode ter significativas consequências futuras.

O coeficiente significativo e positivo da binária de gênero no modelo específico dos formados em economia revela que, além da profissão ser considerada tipicamente masculina, as mulheres com esta formação também enfrentam maior dificuldade de se inserir nas atividades mais relacionadas com sua área, provocando uma espécie de segregação ocupacional interna. Na Tabela 6, são apresentados modelos estimados apenas para a área de economia e divididos entre regiões do país, o que permite acompanhar melhor o papel das diferenças entre homens e mulheres. O coeficiente de gênero é significativo apenas para o modelo da região Sudeste, revelando que os mercados de trabalho mais dinâmicos não são capazes de eliminar as diferenças na inserção ocupacional. Sendo as ocupações típicas aquelas com as melhores remunerações, isso pode implicar em importantes diferenciais de salário por razões de gênero, mesmo entre indivíduos com a mesma formação superior. Na amostra utilizada, existe uma diferença de aproximadamente 38% entre os rendimentos por hora trabalhada entre homens e mulheres, com vantagem para os primeiros. Entre os ocupados nas áreas correlatas à formação, essa diferença se reduz para 29%.

Sobre os segmentos de atividade, tomando como referência a área de educação, o setor financeiro se confirma como o principal atrator para ocupações típicas de economia nas quatro profissões investigadas. O sinal negativo da binária de emprego informal é um resultado esperado dada a própria existência de uma regulamentação da profissão, o que lhe concede uma característica mais formal. Além disso, pelas características da amostra, constituída de pessoas com ensino superior completo, são esperadas menores taxas de informalidade em todos os grupos (FERREIRA; POMPONET, 2019). Aqueles que trabalham por conta própria e os empregadores, formas de contrato que em geral estão mais ligadas ao empreendedorismo, possuem uma menor probabilidade de atuar em alguma das ocupações típicas. A inserção de economistas como empreendedores não é algo muito investigado pela literatura, sendo mais comum nas áreas de administração. Ainda assim, Colbari (2008), por exemplo, descreve que vários cursos universitários apresentam em suas grades disciplinas direcionadas ao empreendedorismo, ao mesmo tempo em que 43% dos empreendedores brasileiros não possuem sequer o ensino fundamental. Galvan (2014) mostra que um empreendedor enfrenta uma série de dificuldades por não ter conhecimento técnico que possa ajudá-lo com a gestão do negócio. Nesse sentido, um economista que é empreendedor estaria atuando em uma posição atípica possivelmente por vislumbrar uma oportunidade de utilizar o conhecimento adquirido

em atividades de gestão.

Tabela 6: Probabilidade de atuação em ocupações típicas de economista segundo regiões – somente formados em economia – efeitos marginais

	(1) Sudeste	(2) Sul	(3) Outras Regiões
Idade	-0,019* (0,00)	-0,001 (0,00)	0,001 (0,00)
Idade ²	0,000* (0,00)	0,000 (0,00)	0,000 (0,00)
Sexo	0,031* (0,01)	0,012 (0,01)	0,020 (0,01)
Cor	-0,002 (0,02)	0,036*** (0,02)	0,029** (0,01)
Pós-graduação	0,095* (0,02)	0,115* (0,04)	-0,014 (0,02)
Segundo Emprego	-0,006 (0,02)	-0,040** (0,02)	-0,008 (0,02)
Setor industrial	0,275* (0,05)	0,083 (0,06)	0,139** (0,06)
Setor de comércio	0,072 (0,04)	0,054 (0,05)	-0,041 (0,03)
Setor público	0,188* (0,05)	0,088 (0,06)	0,097* (0,04)
Setor financeiro	0,522* (0,04)	0,317* (0,07)	0,319* (0,05)
Atividades profissionais	0,529* (0,05)	0,222* (0,08)	0,351* (0,06)
Outros setores	0,237* (0,04)	0,117** (0,05)	0,117* (0,04)
Informal	-0,068* (0,02)	-0,018 (0,02)	-0,082* (0,01)
Conta Própria	-0,067* (0,01)	-0,061* (0,01)	-0,063* (0,02)
Empregador	-0,130* (0,01)	-0,081* (0,01)	-0,120* (0,01)
Região Metropolitana	0,083* (0,01)	0,047* (0,01)	0,041* (0,01)
Número de obs.	6.702	2.783	3.499
X ²	797,43	164,79	210,63
Prob> X ²	0,00	0,00	0,00

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Censo Demográfico de 2010. Erros padrão entre parênteses.

Efeitos marginais obtidos para a média da distribuição das variáveis explicativas. *** p<0.10, ** p<0.05, * p<0.01.

As regiões metropolitanas são mais atrativas para o trabalho em ocupações típicas, o que deve estar relacionado às atividades próprias dos grandes centros urbanos, como grandes empresas, sedes e escritórios de corretoras e órgãos públicos. Além disso, a maior parte dos campi universitários que oferecem o curso de ciências econômicas se encontram mais próximos das regiões metropolitanas, o que pode indicar uma baixa mobilidade do formado na área para o interior do país. Ainda assim, em termos relativos, pode ser mais vantajoso para o economista buscar uma ocupação típica de sua área fora dos centros metropolitanos. Apesar da remuneração ser menor, no interior do país um economista atuante em sua área tende a receber 24% à mais

do que em outras atividades, enquanto nas regiões metropolitanas essa diferença é de apenas 4%.

A realização de uma pós-graduação parece ser particularmente benéfica para a atuação em atividades típicas da área. O ganho de remuneração, contudo, é invertido neste caso, no qual se identifica que os economistas pós-graduados recebem melhores remunerações quando atuam em atividades não diretamente correlatas com a profissão (R\$ 64,44 por hora em ocupações não típicas, contra R\$ 56,00 nas de economia), o que pode evidenciar motivos não diretamente pecuniários na escolha da atividade típica (ROBST; VANGILDER; STEINKE, 2012). Isso também parece evidenciar o resultado da maior capacidade de abstração esperada por um egresso de curso de pós-graduação, dando maior liberdade e flexibilidade de atuação em outras áreas.

Os resultados apresentados permitem confirmar os achados da literatura prévia sobre o nível de dispersão da profissão no mercado de trabalho, sendo uma realidade também para o caso brasileiro. Diferente dos artigos anteriores para o Brasil, contudo, os resultados do presente estudo conseguem fornecer maiores evidências sobre o nível de competição com outras formações, confirmando a hipótese de que esta ocorre principalmente entre profissionais da mesma grande área, de ciências sociais aplicadas. Essa concorrência se torna mais intensa na medida em que o trabalhador envelhece, mostrando que aqueles interessados em atuar de forma mais relacionada com sua área de formação devem buscar desde cedo, talvez antes mesmo da finalização dos estudos, *matches* ocupacionais adequados. Atividades orientadas de estágio, em ocupações similares à de economistas pode favorecer este tipo de resultado. Como os dados censitários não possibilitam a identificação de trabalhos anteriores, recomenda-se às instituições de ensino o monitoramento da inserção de seus egressos no mercado de trabalho. Os conselhos e sindicatos de classe também pode fornecer subsídios para novas pesquisas colhendo informações sobre seus filiados, incluindo dados sobre o histórico de atividades antes e depois da conclusão dos estudos.

Também se encontrou, na maior parte dos casos, um prêmio salarial pela atuação nas áreas de economia, inclusive para profissionais de outros cursos. Esse prêmio pode estar relacionado a um melhor aproveitamento do tipo específico de capital humano formado durante o período investido nos estudos universitários. Também pode ser efeito da escassez de profissionais formados (MENEZES-FILHO, 2012). De acordo com os dados do Censo da Educação Superior, o número de formados por ano em economia tem apresentado redução desde 2010, principalmente na rede privada de ensino. Os recém-formados nesta área podem ser beneficiados por essa escassez, mesmo considerado o período recente de crise econômica

desde a metade da década de 2010. Os resultados do futuro Censo Demográfico de 2020 pode ajudar a lançar luz sobre os efeitos desta crise sobre os formados em economia e em outras áreas, desde que o mesmo colete este tipo de informação.

Por fim, chama a atenção o duplo diferencial de gênero encontrado na profissão de economista. O primeiro se refere à maior dificuldade das mulheres de se inserirem em atividades típicas da área, em uma ocupação já tipicamente masculina (SOARES; OLIVEIRA, 2004). O segundo é decorrente da desigualdade salarial, mesmo quando são considerados indivíduos com o mesmo nível, e tipo, de formação. Juntos, esses resultados mostram a necessidade de novos estudos sobre o papel tanto da segregação ocupacional como da existência de discriminação na profissão, algo que os conselhos e sindicatos de classe deveriam acompanhar de forma mais efetiva.

5. Considerações finais

O presente estudo analisou a inserção ocupacional dos indivíduos com formação superior na área de economia no Brasil, incluindo o nível de concorrência com outras profissões. Foram estimados modelos para a probabilidade de que indivíduos formados em quatro tipos de cursos superiores (economistas, administradores, contadores e engenheiros) atuem em atividades definidas como típicas de economia. Os dados do Censo Demográfico de 2010 fornecem as informações necessárias sobre formação e ocupação.

Tal como na literatura prévia, os dados apontam que os profissionais de economia se encontram dispersos no mercado de trabalho, atuando em mais de 300 ocupações, conforme a CBO. Também confirmam a hipótese de que profissionais de formação dentro da mesma grande área, ou seja, ciências sociais aplicadas, são os maiores concorrentes às vagas para as quais se esperaria a atuação de um economista. Diferente da literatura anterior para o Brasil, contudo, o presente artigo fornece evidências deste resultado por meio de um modelo de probabilidade, que permite identificar o papel de outras variáveis nesta concorrência. Dentre estes resultados, o que mais chama a atenção é o impacto da idade. As vagas em ocupações típicas de economia tendem a preferir economistas mais jovens e profissionais mais velhos de outras áreas. Isso implica dizer que a atuação na área típica deve ser definida logo nos primeiros anos após o término do curso superior. A realização de estágios orientados ou outras atividades extracurriculares podem contribuir para que o jovem economista consiga conquistar bons *matches* ocupacionais.

Outros dois resultados adicionais que chamam a atenção são o prêmio recebido pela atuação em ocupação típica de economia, observado entre as quatro profissões analisadas, e a existência de maior dificuldade de inserção feminina nestas mesmas atividades. Estas

evidências devem ser vistas com mais cuidado pelos conselhos e sindicatos de classe, a fim de evitar a formação de guetos, ou segregação ocupacional, além de discriminação por razões de gênero. Novos estudos podem explorar melhor essas duas questões, usando dados censitários ou mesmo fornecidos por entidades de ensino ou de classe.

Bibliografia

ANTONIO, M. **Formação profissional superior e inserção no mercado de trabalho: o caso da Região Metropolitana de Curitiba.** *Cad. IPARDES*, v. 6, n. 2, p. 26–39, 2016.

BRUNNER, B.; KUHN, A. **The impact of labor market entry conditions on initial job assignment and wages.** *Journal of Population*, v. 27, n. 3, p. 705–738, 2014. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s00148-013-0494-4>>. Acesso em: 10 out. 2018.

CARRIJO, B. C. P. D. S.; MONSUETO, S. E.; CARDOSO, L. B. **The first job and occupational trajectories: young workers in Brazil between 2002 and 2016.** *International Review of Applied Economics*, p. 1–17, 25 dez. 2019. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/02692171.2019.1707784>>. Acesso em: 15 jan. 2020.

COLBARI, A. DE L. **Os desafios de empreendedores na sociedade brasileira.** 2008, Brasília: ANPAD, 2008.

DOLTON, P. J.; MAKEPEACE, G. H. **The Earnings of Economics Graduates.** *The Economic Journal*, v. 100, n. 399, p. 237, mar. 1990.

EHRENBERG, R. G. **Prospects in the academic labor market for economists.** *Journal of Economic Perspectives*, v. 18, n. 2, p. 227–238, mar. 2004. Disponível em: <<http://caspar.nsf.gov>>. Acesso em: 8 jul. 2020.

FERREIRA, M. I. C.; POMPONET, A. S. **Escolaridade e trabalho: juventude e desigualdades.** *Revista de Ciências Sociais*, v. 50, n. 3, p. 267–302, 2019. Disponível em: <<https://orcid.org/0000-0001-8598-5854>>. Acesso em: 8 jul. 2020.

GALVAN, L. **O cenário do empreendedorismo no Brasil e a atuação dos empreendedores como gestores.** 2014. 38 f. PUCRS, 2014.

GREENE, W. H. **Econometric Analysis.** 7ª ed. [S.l.]: Pearson - Prentice Hall, 2012.

HECKMAN, J. J. **Sample Selection Bias as a Specification Error.** *Econometrica*, v. 47, n. 1, p. 153, jan. 1979. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/1912352?origin=crossref>>. Acesso em: 10 out. 2018.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010 - notas metodológicas.** . Rio de Janeiro: [s.n.], 2010.

KONDO, A. **Does the first job really matter? State dependency in employment status in Japan.** *Journal of the Japanese and International Economies*, v. 21, n. 3, p. 379–402, 2007.

Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0889158306000566>>. Acesso em: 10 out. 2018.

LIU, K.; SALVANES, K. G.; SØRENSEN, E. Ø. **Good skills in bad times: Cyclical skill mismatch and the long-term effects of graduating in a recession.** *European Economic Review*, v. 84, p. 3–17, 2016. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0014292115001403>>. Acesso em: 10 out. 2018.

LOURENÇO, G. M. **Habilidades e peculiaridades do economista.** *Análise Conjuntural*, v. 28, n. 07/08, p. 1–23, 2006.

MACEDO, R. **O economista no mercado de trabalho brasileiro: implicações educacionais e para as entidades de classe.** *Revista de Conjuntura - Publicações de Conselho Regional do Distrito Federal* - v 56, p. 4–19, 2015.

MANTOVANI, G. G.; SOUZA, S. DE C. I. DE; GOMES, M. R. **Ocupação e gênero: uma análise dos efeitos da segmentação ocupacional e discriminação de gênero para o Brasil.** *Estudios económicos*, v. 74, n. 74, p. 71–104, 21 jul. 2020. Disponível em: <<https://ojs.uns.edu.ar/ee/article/view/1593>>. Acesso em: 14 set. 2020.

MATOS, K. L. **O mercado de trabalho dos economistas: uma abordagem a partir da experiência baiana (ou RMS).** 2001. 83 f. Universidade Federal da Bahia, 2001.

MENEZES-FILHO, N. A. **Apagão de mão de obra qualificada?: as profissões e o mercado de trabalho brasileiro entre 2000 e 2010.** . São Paulo: [s.n.], 2012.

RANSOM, M. R.; PHIPPS, A. **The changing occupational distribution by college major.** *Research in Labor Economics*, v. 45, p. 129–171, 2017.

RIBEIRO FILHO, J. E. **Mercado de trabalho do economista: uma avaliação da oferta de emprego.** In: COSTA, E. M. (Org.). *Reflexões sobre os 60 anos de regulamentação da profissão de economista no Brasil.* Belém: GTR, 2011. p. 139–151.

ROBST, J.; VANGILDER, J.; STEINKE, S. **Job Mismatch and Salary Among Economics and Business Graduates.** *SSRN Electronic Journal*, 28 nov. 2012. Disponível em: <<https://papers.ssrn.com/abstract=2181000>>. Acesso em: 8 jul. 2020.

SILVA, P. V. DE O. **Perfil dos formados em economia residentes em Goiás em 2010.** 2016. Universidade Federal de Goiás, 2016.

SOARES, C.; OLIVEIRA, S. **Gênero, estrutura ocupacional e diferenciais de rendimento.** *Revista Econômica*, v. 6, n. 1, p. 5–33, 2004. Disponível em: <<http://www.revistaeconomica.uff.br/index.php/revistaeconomica/article/viewFile/196/169>>. Acesso em: 10 out. 2018.

VAN DE VEN, W. P. M. M.; VAN PRAAG, B. M. S. **The demand for deductibles in private health insurance. A probit model with sample selection.** *Journal of Econometrics*, v. 17, n. 2, p. 229–252, 1 nov. 1981.

Apêndice – Resultados dos modelos de primeira etapa do tratamento de viés de seleção

1 - Amostra total (Tabela 5):						

ocupado						
chefe		,3071544	,0211429	14,53	0,000	,2657151 ,3485936
menores		,0809052	,020602	3,93	0,000	,040526 ,1212843
genero		,1077452	,0211733	5,09	0,000	,0662464 ,1492441
_cons		1,707333	,0168189	101,51	0,000	1,674368 1,740297

/athrho		-1,434335	,1119709	-12,81	0,000	-1,653794 -1,214876

rho		-,8925515	,0227695			-,9293764 -,8381361

Wald test of indep. eqns. (rho = 0): chi2(1) =					164,09	Prob > chi2 = 0,0000

2 - Amostra de Economistas (Tabela 5):						

ocupado						
chefe		,3293142	,0552111	5,96	0,000	,2211024 ,437526
menores		,0503843	,057774	0,87	0,383	-,0628507 ,1636193
genero		,0792354	,054964	1,44	0,149	-,028492 ,1869628
_cons		1,644556	,0400374	41,08	0,000	1,566084 1,723028

/athrho		,2812945	,2500308	1,13	0,261	-,2087569 ,771346

rho		,2741028	,2312454			-,2057763 ,6477114

Wald test of indep. eqns. (rho = 0): chi2(1) =					1,27	Prob > chi2 = 0,2606

3 - Amostra de Administradores (Tabela 5):						

ocupado						
chefe		,2728515	,0564548	4,83	0,000	,1622021 ,3835009
menores		,0389321	,0519705	0,75	0,454	-,0629282 ,1407923
genero		,1341603	,0625584	2,14	0,032	,0115481 ,2567726
_cons		1,682629	,0479735	35,07	0,000	1,588603 1,776655

/athrho		-2,772538	1,668713	-1,66	0,097	-6,043155 ,4980783

rho		-,9922171	,0258737			-,9999887 ,4606045

Wald test of indep. eqns. (rho = 0): chi2(1) =					2,76	Prob > chi2 = 0,0966

4 - Amostra de Contadores (Tabela 5):						

ocupado						
chefe		,2520892	,0359224	7,02	0,000	,1816826 ,3224959
menores		,0405702	,0349259	1,16	0,245	-,0278834 ,1090238
genero		,1619617	,03679	4,40	0,000	,0898545 ,2340688
_cons		1,772967	,0245772	72,14	0,000	1,724797 1,821138

/athrho		-,939413	,3027643	-3,10	0,002	-1,53282 -1,3460059

rho		-,7349525	,1392246			-,910906 -,3328287

Wald test of indep. eqns. (rho = 0): chi2(1) =					9,63	Prob > chi2 = 0,0019

5 - Amostra de Engenheiros (Tabela 5):						

ocupado						
chefe		,4019377	,0335966	11,96	0,000	,3360895 ,4677858
menores		,1628676	,0384885	4,23	0,000	,0874315 ,2383037
genero		,148709	,038125	3,90	0,000	,0739854 ,2234326
_cons		1,605112	,0329835	48,66	0,000	1,540465 1,669758

/athrho		-1,040296	,2357652	-4,41	0,000	-1,502387 -,5782046

rho		-,7780049	,0930585			-,9055787 -,5213593

Wald test of indep. eqns. (rho = 0): chi2(1) = 19,47 Prob > chi2 = 0,0000						

6 - Amostra para a região Sudeste (Tabela 6):						

ocupado						
chefe		,2179661	,0764274	2,85	0,004	,0681713
menores		,1237182	,0823297	1,50	0,133	-,037645
genero		,0665106	,0775063	0,86	0,391	-,0853989
_cons		1,734262	,0567167	30,58	0,000	1,623099

/athrho		,2982855	,1716065	1,74	0,082	-,0380571

rho		,2897428	,1572			-,0380388

Wald test of indep. eqns. (rho = 0): chi2(1) = 3,02 Prob > chi2 = 0,0822						

7 - Amostra para a região Sul (Tabela 6):						

ocupado						
chefe		,3702683	,1311423	2,82	0,005	,113234
menores		-,1298139	,1327589	-0,98	0,328	-,3900166
genero		,0437261	,1310766	0,33	0,739	-,2131793
_cons		1,699055	,104818	16,21	0,000	1,493616

/athrho		-,0088425	,8052009	-0,01	0,991	-1,587007

rho		-,0088423	,8051379			-,9196892

Wald test of indep. eqns. (rho = 0): chi2(1) = 0,00 Prob > chi2 = 0,9912						

8 - Amostra para as demais regiões (Tabela 6):						

ocupado						
chefe		,4872662	,1022164	4,77	0,000	,2869258
menores		,0718957	,0999275	0,72	0,472	-,1239585
genero		,0837063	,0994225	0,84	0,400	-,1111583
_cons		1,493598	,0676963	22,06	0,000	1,360916

/athrho		,2467346	,4077074	0,61	0,545	-,5523572

rho		,2418467	,3838606			-,5022848

Wald test of indep. eqns. (rho = 0): chi2(1) = 0,37 Prob > chi2 = 0,5451						

Artigo recebido em 08/07/2020

Aprovado em 31/10/2020

Como citar esse artigo:

MONSUETO, Sandro Eduardo; CARDOSO, Felipe Pureza; MELO, Gabriela de Moura Silva. A atuação do economista em ocupações típicas e a competição com outras áreas. **Revista de Economia da UEG**. Vol. 16, N.º 2, jul/dez. 2020.